

A MADELEINE E O DESPERTAR PROUSTIANO: a saudade em “No caminho de Swann”

Sophia Senra*

Resumo: Este trabalho se refere à análise da obra de Proust sob o espectro da *saudade*. Partindo do conhecido episódio da *madeleine*, bem como de outros exemplos, buscar-se-á ressignificar os eventos da memória proustiana, antes classificados como fenômenos melancólicos e agora revisitados através do conceito da recordação positiva. Paralelamente, esta pesquisa examinará as relações de *falta* conceituadas por Sigmund Freud e como elas se dão na obra de Proust. A partir de tais conceitos, elucidar-se-á a respeito da importância da memória em Proust e a relevância da reminiscência para a construção da obra literária e da ressignificação do passado. Por fim, concluir-se-á a análise do episódio da *madeleine* sob a ótica da *saudade*. Por meio de nomes como Osvaldo Odorico e José Antônio Tobias, estudar-se-á a concepção lusófona que aloca o sentimento de falta no âmago da lembrança afirmativa, ao mesmo tempo em que se ressignificar-se-á a presença do doce em um dos maiores romances da literatura.

Palavras-chave: Proust. Madeleine. Saudade. Falta. Memória

Résumé : Ce travail se réfère à l'analyse de l'œuvre de Proust sous le spectre de la <<saudade>>. Partant de l'épisode bien connu de la madeleine, ainsi que d'autres exemples, on cherchera à resyncraliser les événements de la mémoire proustienne, auparavant classés comme des phénomènes mélancoliques et maintenant revisités à travers le concept du souvenir positif. Parallèlement, cette recherche examinera les relations de *manque* notées par Sigmund Freud et comment elles se déroulent dans l'œuvre de Proust. À partir de ces concepts, on éclaircira l'importance de la mémoire à Proust et l'importance de la reminiscence pour la construction de l'œuvre littéraire et de la resyncralisation du passé. Enfin, on conclura l'analyse de l'épisode de la madeleine sous l'angle de la <<saudade>>. À travers des noms comme Osvaldo Odorico et José Antônio Tobias, on étudiera la conception lusophone qui alloue le sentiment la manque au cœur de la mémoire affirmative, en même temps que la présence du gâteau dans l'un des plus grands romans de la littérature.

Mots-clés : Proust. Madeleine. <<Saudade>>. Manque. Mémoire

Introdução

Walter Benjamin, em seus estudos sobre Proust, considera fundamental observar a sensibilidade do autor francês acerca dos sentidos. Estes são os sentidos ordinários, mas que, em Proust – e disso já sabem os especialistas –, tornam-se centrais, como os odores e o paladar, por serem portais importantes para as lembranças.

Não menos considerável, buscaremos relacionar os eventos da memória em Proust com os conceitos psicanalíticos em torno da falta. Sob o olhar freudiano, tentaremos elucidar

* Mestranda em Filosofia Estética na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

os motivos pelos quais a melancolia proustiana pode ser, em alguns casos, revisitada e, por que não, reconhecida como *saudade*.

No primeiro volume da célebre obra *Em busca do tempo perdido*, intitulada *No caminho de Swann*, há inúmeros episódios nascidos dos mais diversos sabores e odores, como o caso da *madeleine*, por exemplo, que será o centro do presente artigo. Obviamente não destacaremos aqui apenas os efeitos psíquicos e enredos artísticos enunciados pelos sentidos, mas também o quanto a imagem é crucial na obra de Proust, bem como seu significado dentro da enigmática “memória involuntária”.

Para dar conta desta análise, Roberto Machado (2022), afirma que há na *Recherche* uma “reflexão sobre a contemplação estética e a criação artística” (MACHADO, 2022, p.34). Em sua tese, Machado (2022) explica que há na obra literária de Proust uma certa ontologia, uma que evidencia a necessidade da arte de se relacionar com a essência verdadeira das coisas. Em outras palavras, o irrompimento das lembranças, dos episódios memoráveis está intimamente ligado à profunda cumplicidade de Proust com o curso do mundo e com a existência.

A arte do lembrar

No ensaio *A imagem de Proust*, do volume *Magia e técnica, arte e política*, Walter Benjamin sinaliza, pertinentemente, que Proust não descreveu em sua obra a vida como ela de fato foi, mas como ela é lembrada por ele¹ – ou por Marcel –. A reminiscência é a verdadeira pérola da obra proustiana, enlaçada pela rede do tempo. Portanto, o esquecimento semeado pelo curso da existência é o mesmo que provoca a rememoração involuntária, o mesmo que prepara o campo da recordação.

Podemos ver, claramente, o que a reminiscência provoca no episódio supracitado, o da *madeleine*. O enredo é amplamente conhecido: Marcel, que a princípio é apenas o personagem e não a persona de Proust, ao morder um pedaço do doce molhado no chá é tomado por um sentimento de puro êxtase e felicidade. Rapidamente, inebriado, Marcel se pergunta: “de onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada

¹ Benjamin reforça constantemente no ensaio a questão do amor pela lembrança que é revivida pela reminiscência. Ver Walter Benjamin, 1986.

ao gosto do chá e do biscoito, mas ultrapassava-o infinitamente, não deveria ser da mesma espécie. De onde vinha?” (PROUST, 2006, p.28).

Aqui, vemos que a memória adormecida é um tecido fino e delicado, porém, suficientemente denso para ser resgatado pelo simples gesto de uma mordida. Benjamin (1986) salienta que, em Proust, uma vez que um acontecimento é vivido, ele automaticamente tem um fim. No entanto, aquilo que é lembrado, despertado dentro do esquecimento, tem um potencial ilimitado; torna-se “chave para tudo o que veio antes e depois”. Tudo o que se segue é parte desse despertar: Marcel reconstrói toda a sua infância na cidade de Combray, abdicando de todo sofrimento da vida envelhecida e das adversidades do real.

Para Marcel, o sabor da *madeleine* permanece na boca como almas que vagam, que reacendem o passado e o revitalizam. É como saborear ruínas, pois o “edifício das recordações” pôde finalmente ser reerguido, não pela forma arredondada do doce, mas por seu sabor inconfundível (PROUST, 2006, p.29). Ao descrever as sensações físicas e psicológicas provocadas por seu encontro com a *madeleine*, Marcel evoca uma série de figuras, texturas e percepções, isso porque, bem como a relação com o paladar, a *imagem* é primordial na obra de Proust. Walter Benjamin compreende que Proust não poderia jamais se cansar de esvaziar a si mesmo, em busca do elemento que saciaria sua curiosidade e seu desejo de nostalgia: a imagem, aquilo que despontaria no “verdadeiro rosto da existência” (BENJAMIN, 1986, p.40). É exatamente por esse motivo que, por quase metade deste primeiro volume da *Recherche*, Proust descreve seu encontro com a *madeleine*.

A partir daí, o personagem Marcel reconstrói toda a cidade de Combray. As ruas por onde corria, o quarto de sua tia Léonie (quem lhe dava de comer as *madeleines* na infância), o jardim da família, a estrada de ferro por onde se acessava a cidade etc., e somados à arquitetura da pequena cidade, vêm sentimentos, rostos familiares, gestos: a urgência quase desesperadora que Marcel sentia em receber o beijo de sua mãe em seu rosto, enquanto a esperava para dormir; a forma bruta e sem romantismos da cozinheira, Françoise que, ao matar um ganso para o jantar, choca o pequeno Marcel. Estes são apenas exemplos de tudo aquilo que surge *No caminho de Swann*. O que nos chama atenção aqui é a maneira com que as pessoas, campanários, casas e caminhadas no jardim ressurgem. O enamoramento de Proust pelos elementos do passado, pela nostalgia em

buscar formas e descrições suficientemente densas e duradouras e pela ânsia de encontrar a realidade frágil e preciosa dos fatos vividos, fazem dele muito mais do que um autobiógrafo melancólico, porque ele é, na verdade, um apaixonado.

O enamorado e o passado

Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes afirma que não se pode “reduzir o enamorado a uma simples coleção de sintomas”, um ser que apenas regurgita emoções e dores. É necessário analisar o retrato do *eu*, porém, não por sua psicologia, mas por sua estrutura. Esse retrato “oferece como leitura [...] o lugar de alguém que fala de si mesmo, amorosamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala” (BARTHES, 2018, p.15). Sabemos os riscos que há no que concerne a “conceber” o enamorado: há a paranoia, o sofrimento, a intriga. Contudo, no caso de Proust, não vemos alguém que trama contra si e outros, cujas digressões geram dor e ressentimento passivos, muito pelo contrário. Vemos em Proust um forte compromisso com o sentimento linguístico do discurso, paralelo ao amoroso, porque a unidade do texto faz parte da construção da própria recordação.

Tal noção fica clara, sob o ponto de vista de Roberto Machado (2022), ao falar do princípio da “memória involuntária” e dos seus efeitos na alma. Para o autor, essas impressões de reminiscências é que despertam o desejo de transformação de um objeto banal em um condutor da memória, como a *madeleine* ou os campanários de Martinville quando, ao sair em passeio com a família e tomar uma carona na charrete do médico da região, Marcel tem a nítida impressão de ver os campanários alternarem de posição, por conta do zigue zaguear do veículo. Esses episódios, por exemplo, transportam as experiências da posição de simples sensações materiais e elevam-nas a equivalentes espirituais. Para tal, o jovem Marcel está constantemente em busca das palavras ideais, para que toda sensação, banal ou não, possa ser traduzida em texto. E de onde vêm essas sensações que Proust procura tão incansável e distintivamente pôr no papel? Elas são fruto do espírito, da efervescência de toda experiência que murmura intensidade e plenitude.

É dessa plenitude que nasce nosso desejo de defender que o texto proustiano está repleto de episódios de *saudade*. Machado (2022) explica que, em Proust, “o prazer mais profundo só é percebido pela angústia que se tem quando a pessoa amada não está

presente”. Porém, este sentimento é quase sempre de natureza afirmativa. Dizemos quase sempre porque, evidentemente, não há apenas experiências positivas, e nem por isso elas possuem menor valor de memória. Por exemplo, o caso de Albertine, o primeiro amor de Marcel, é marcado por uma dor e amargura profundas, mas que fazem parte da vivência e é, portanto, digno de recordação. Contudo, entendemos que o luto faz parte do ciclo de transformação da dor em saudade, quando ela não se estagnou na melancolia. Segundo Freud (2013), o luto é consequência da perda do objeto de amor, seja por morte física ou metafórica. Nele, o enamorado vivencia todas as fases do processo da falta, como o sofrimento e a superação, antes de reorientar sua libido, combustível de seu amor, a outro objeto. Freud defende que o luto, em toda a sua constituição, deve ser verdadeiramente respeitado, para que o sentimento não se transforme em patologia (FREUD, 2013, p. 45-47).

Todavia, apesar de ter como fonte primária a perda do objeto de amor, a melancolia atua de forma divergente na psique do enamorado. Isto porque, explica Freud (2013), o melancólico nem sempre tem consciência do que foi, efetivamente, perdido. Por este motivo, o psicanalista considera a melancolia como uma consequência patológica do mau direcionamento da libido após a perda. Nesses casos é possível notar as expressões de autodepreciação do enamorado, incluindo notas de narcisismo, exatamente porque a libido estagnou-se no ego e não em um novo objeto de amor. Ora, diante de tais definições, seria demasiado trivial classificar Proust como um mero melancólico, enfraquecido pelo ressentimento e abandono da vida que não mais possui. Não vemos no autor o ímpeto de se reconectar com o passado porque este seria mais válido que o presente, como se este representasse, morbidamente, o que ele deixou de ser.

Procuramos aqui ressignificar o espírito proustiano e, em oposição ao que foi explicitado acima, compreendê-lo sob o espectro da saudade e do amor. Para isso, orientaremos o certame para a gnose desse sentimento luso-brasileiro tão caro a nós. Dizemos “luso-brasileiro”, porque é sabido que apenas em países de língua portuguesa é que se tem conhecimento do conceito e do significado do termo *saudade*.

A saudade imanente

Para a professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Fátima Bertini, o “amálgama afetivo” é o que mais particulariza a

palavra saudade. Ela “não constitui somente uma lembrança ou somente uma dor da ausência”; é justamente o que as interpõe que revela “uma compreensão apenas racional do vocábulo” (BERTINI, 2018, p.1). Ao fazer referência a diversos autores de língua portuguesa que criaram poemas e canções sobre o tema da saudade, como Almeida Garrett, a professora estabelece uma clara relação entre o tempo e a saudade. Para ela, “a palavra une o tempo, acende o passado, dilui o presente, acrescenta e retira a dor - no mesmo instante” (BERTINI, 2018, p.2).

Podemos vislumbrar aqui o princípio de uma simbiose entre o sentimento proustiano e o significado emotivo e linguístico da palavra saudade. Apesar de ser um autor francês, Proust pôde captar brilhantemente a essência do sentimento da dor e, ao mesmo tempo, da libertação das amarras da ausência ao passo que ele constitui seu texto de lembranças; isto mostra que Proust sentia nada mais que *saudade*. Talvez, Proust estivesse mais próximo de ser um autor lusófono que, de fato, francês. Como exemplo, podemos voltar-nos para os momentos em que o pequeno Marcel descia as escadas da casa de sua tia para buscar saber qual seria o cardápio do jantar. Marcel se deliciava ao observar o ritmo frenético com que a cozinha funcionava, bem como os diversos alimentos dispostos na grande mesa de madeira, elemento central do cômodo.

Singular é a forma com que Proust descreve os legumes que Marcel observa sob a mesa. como as ervilhas “alinhas e contadas como bolinhas verdes num jogo” ou as batatas, “as obras-primas culinárias”. Porém, são os aspargos que verdadeiramente “enfeitam” o ambiente. A delicadeza com que Proust “pinta” as formas e as cores dos aspargos, aos olhos do pequeno Marcel é quase emocionante. Esses legumes, “embebidos em ultramar e rosa, e cujo talo, finamente raiado de azul e malva vai se degradando insensivelmente até o pé ainda manchado do chão”, produzem no leitor proustiano sensações únicas de felicidade e satisfação, através apenas da descrição de simples legumes. Marcel continua: “[...] por meio do disfarce de sua carne comestível e consistente, deixavam entrever nessas cores nascentes da aurora, nesses esboços de arco-íris, nesses fins de tarde azuis”, cujo perfume único, Marcel sentia até mesmo em seu urinol, após aliviar-se durante a noite (PROUST, 2006, p.62).

Vemos como são marcantes, para Proust, as emoções cotidianas da infância e da juventude, revestidas pela saudade, pela felicidade da lembrança. Para o autor brasileiro Oswaldo Odorico, a palavra saudade contém o que ele chamou de “amalgama de

sentimentos” (ODORICO,1948, p. 12). Sabemos que, neste amálgama, há emulsões de sentimentos positivos e negativos, afinal a saudade inicia-se no campo da dor pela ausência do quê ou de quem se ama. No entanto, apesar do sofrimento inicial, o que prevalece após o período de luto é a alegria da lembrança. A saudade, em seu significado mais puro, culminará, quase sempre, na felicidade do reencontro entre o amor perdido e a ressurreição da memória.

Para reforçar o caráter afirmativo da saudade, Bertini faz uso de grandes nomes da literatura para salientar que há autores brasileiros que “imprimem à palavra saudade um teor de positividade na sua significação”. Para fins de exemplificação, a professora destaca o poema *À maneira de Olegário Mariano*, de Manuel Bandeira, que se segue: “Choras sem compreenderes que a saudade/É um bem maior que a felicidade./Porque é felicidade que ficou!” (BERTINI apud BANDEIRA, 2018, p.3). Desta forma, inferimos que não há apenas tristeza na saudade, pois se temos a sensação de perda no presente, é porque houve amor no passado. Portanto, ter vivido um grande amor por alguém ou algo, não significa amargura e ressentimento, porque ali pode-se enxergar a positividade da experiência do amor vivido.

A saudade é um “re-sentir” constante. Mas um re-sentir afirmativo, no sentido de que, a todo tempo, nos reconectamos com o que passou, porém através da alegria da lembrança e não do rancor da perda dilacerante. Contudo, é de extrema importância diferenciar saudade de *saudosismo*. Em toda a sua amplitude, é fácil confundir a saudade, a felicidade do lembrar, ainda que sob o véu da tristeza, com o saudosismo, remorso pelo que se teve e não se tem mais, como se o passado fosse mais significativo e engrandecedor que o presente. No saudosismo não se aprende a ressignificar a dor da ausência, mas institui-se o passado como o único tempo favorável à felicidade e à satisfação. Definitivamente, Proust não é saudosista e sim sensível à saudade. Não queremos aqui resumir o sentimento proustiano à pura saudade, pois sabemos que também há traços nítidos de melancolia em seu texto. No entanto, a afirmatividade das experiências passadas se sobressai muito mais fortemente à dor pela falta de cores da vida no presente².

A essa altura, seria possível afirmar que há, em Proust, um gosto pela felicidade, ainda que esse gosto tenha nascido das intempéries da vida presente? Observamos, nitidamente,

² Em determinada passagem de *No caminho de Swann*, Marcel relembra as ruas da cidade de Combray, cuja uma em especial dava para a porta lateral do jardim da casa de sua tia. Ele diz que as ruas da cidade

que a memória proustiana é o lugar onde toda sua ebulição emocional se encontra pousada. Segundo Benjamin, o poeta Jean Cocteau percebeu o que deveria preocupar o leitor de Proust: “ele viu o desejo de felicidade — cego, insensato e frenético — que habitava esse homem” (BENJAMIN, 1986, p.39). Ora, sabemos que as lembranças de Proust são o caminho para uma época feliz de sua vida, ainda que elas sejam fruto de um presente entristecido. Exatamente por esse motivo, na tentativa de “decifrar” as manifestações da felicidade proustiana é que Walter Benjamin dividiu este impulso em dois: um hino e o outro elegia.

A felicidade enquanto hino é o sentimento sem precedentes, “o que nunca foi, o auge da *beautitude*”. O hino é a satisfação perfeita, o auge da plenitude para o sábio ou, no caso, o artista. Já a felicidade como elegia é o “eterno mais uma vez”, é a “eterna restauração da felicidade primeira e original” (BENJAMIN, 1986, p.39). Isto posto, podemos perceber que, para Proust, é esta distinção entre hino e elegia que faz movimentar a memorabilia da alma do artista. Ambos os “tipos” de felicidade constituem o ciclo da recordação, uma espécie de moinho que transforma e retransforma o sonho do que se viveu e o do que se quer reviver. Max Unold, artista e leitor de Proust, cujo entendimento acerca do sonho Benjamin destacou, disse: “imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança. [...] Proust [...] o faz de modo tão fascinante que deixamos de ser ouvintes, e nos identificamos com o próprio narrador desse sonho acordado” (BENJAMIN, 1986, p.39).

Max Unold compreendeu Proust, diz Benjamin. Todo e qualquer juízo sobre Proust deve partir do sonho, porque cada dobrar de esquina em Combray, conduz, necessariamente, ao portal do sonho. Há um enorme esforço de Proust em conservar pela semelhança. Como disse Barthes, “para Proust, escrever serve para salvar, para vencer a Morte: não a sua, mas a daqueles que ele ama [...]” (BARTHES, 2005, p. 18). Ao escrever, ao abrir caminho para sua floresta encantada das recordações, Proust nos mostra o reflexo daquilo que existe no mundo enquanto semelhante daquilo que ele enxerga no sonho. No universo dos entrecruzamentos, Proust eleva a semelhança a um estado de infinita correspondência

habitam uma parte “tão recuada de minha memória, adornada de cores tão diversas das que agora revestem o mundo para mim” (ver Proust, 2006, p. 29).

com a experiência vivida, porque, finalmente, rememorar é uma força motora, capaz de modificar e enfrentar o processo de envelhecimento humano; rememorar é rejuvenescer.

Porém, rejuvenescer é, aqui, conservar a consciência, compreender, no âmago dos dramas existenciais, que é preciso permitir que a imagem de nossas *madeleines* se construa na mente de cada um, para que assim saibamos reconhecer o extraordinário trivial. Para isso, é necessário se permitir adentrar no mundo da reminiscência, não através de imagens e momentos isolados, como figuras soltas que se formam no ar, mas sim mergulhando no profundo e indefinido oceano do tempo, onde aquilo que outrora não poderia ser visto ou captado, ergue-se em sonho e felicidade. O professor Alexandre Marques Cabral, ao conceber um trabalho sobre a saudade, afirma que “a tristeza da saudade não é déficit, tampouco a ausência presente na saudade é subtração” (CABRAL, no prelo). Logo, a felicidade proustiana, enunciada pelos odores, toques e imagens presentes em sua obra, é também saudade, e não única e exclusivamente melancolia, como tentamos comprovar ao longo do presente ensaio.

Considerações finais

E, voltando ao princípio, a enigmática “resposta” reside na combinação entre o chá e a *madeleine*, os elementos-chave do sonho proustiano: “Rapidamente se me tornaram indiferentes as vicissitudes da minha vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, da mesma forma como opera o amor, enchendo-me de uma essência preciosa; ou antes, essa essência não estava em mim, ela era eu. Já não me sentia medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa?” (PROUST, 2006, p.28). Aqui vemos a manifestação da saudade, que mesmo embebida pela tristeza da falta, enche Marcel da essência que o retira da posição de “medíocre” e “mortal” e o transporta ao universo infinito da recordação, ao lugar onde o amor se entrelaça à reminiscência.

Toda obra de Proust poderia ter sido resumida a uma odisseia de autocomplacência, a um infundar de ressentimento e dor. Todavia, mesmo com o sofrimento intenso com o qual até podemos nos identificar, Proust colocou em sua obra muito mais do que ele próprio, mas também o sentimento profundo do desejo sem remorso e da vulnerabilidade sem amarras. Proust é saudade. Saudade afirmativa, ainda que tocada pela melancolia do “não se é mais o que se era”, porque ele amou, e é a alegria desse “ter amado” que alimenta o

sentimento proustiano. Apesar da dor, há o carinho pela lembrança, a intensidade do lembrar e o contínuo esforço em restaurar o acontecimento.

Marcel, em uma última reflexão, ao final deste primeiro volume da *Recherche*, sinaliza: “Os lugares que conhecemos não pertencem sequer ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não passam de uma delgada fatia em meio às impressões contíguas que formavam nossa vida de então; a recordação de uma certa imagem não é mais que a saudade de um determinado instante; e as casas, os caminhos, as avenidas, infelizmente são fugitivos como os anos” (PROUST, 2006, p. 197). Nesse trecho, observamos uma certa postura de despedida, mas também vemos que a recordação está sempre embebida pelo sentimento afirmativo da saudade pela semelhança. Não podemos afirmar, com clareza, que nos recordamos apenas através de criações ou reapropriações. Mas, sabemos que a experiência é que constitui a lembrança, porque é nela que habita o desejo pelo retorno ao passado, ou pelo menos, o desejo em se ressignificar o passado.

É necessário ter amado para recordar afirmativamente. E o amor é o combustível da obra proustiana. O mergulho ao universo de Proust deve ser íntimo e profundo, porque só assim será possível alcançar, ainda que minimamente, o microcosmos do amor pela reminiscência. A essência da saudade é o que move o impulso transformador do tempo. Não há remorso, não há saudosismo, não há solidão destrutiva. O que há é único e colossal, é o exuberante amor pelo já vivido. O que há é saudade.

Referências

BARTHES, Roland. *A preparação do romance* – Volume I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortênsia dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* – Ensaio sobre literatura e história da cultura; obras escolhidas, volume I; tradução de Sergio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. – 2ª edição – São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERTINI, F. M. A. *O Conceito de Saudade (Desiderium): A Pertinência de uma Tradução*. V. 2, p. 1-10. Santa Barbara: Santa Barbara Portuguese Studies, 2018.

CABRAL, Alexandre Marques. *Saudade, morte, ancestralidade*: sobre a beleza do adeus. No prelo.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MACHADO, Roberto. *Proust e as artes*. – 1ª ed. – São Paulo: Todavia, 2022.

ODORICO, Osvaldo. *A Saudade Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora S/A a Noite, 1948.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana; revisão de Olgária Chaim Féres Matos; prefácio, cronologia, notas e resumo de Guilherme Ignácio da Silva; posfácio de Jeanne Marie Gagnebin. – 3ª ed. – São Paulo: Globo, 2006.